

Um estudo do Prof. Dr. Abel Salazar

Sobre a Construção Psicológica da Metafísica

(continuação)

Notemos que a Relação pode ser pensada como uma unidade, uma síntese psíquica ($=, \lesseqgtr$, etc.) ou como um complexo ($A > B$), em que a relação é pensada como os correlatos ou a partir dos correlatos. Isto é, podemos pensar a relação como independente dos correlatos, e como dependente dos correlatos, por uma espécie de dissociação das conexões da relação. Esta, como dissemos, é a *um tempo*, independente e dependente dos termos; o pensamento pode artificialmente separar esta dependência da independência. E' este processo que está na base dos processos formais, tais como se simbolizam pelos sinais

$=, \lesseqgtr, f(x), \frac{dy}{dx}$, etc. em que apenas a re-

lação é por assim dizer pensada como tal, com os correlatos supostos implícitos, mas distantes. Esta relação formal, tem uma forma, $=, >, <$, etc. que é abstraída do complexo formado pela relação e correlatos. O pensamento atinge aqui, psicologicamente, os seus mais subtis processos, no limiar do inconsciente, do inexplicável.

Mas este movimento de relação para os correlatos, e dos correlatos para a relação, bem como a abstracção formal da relação, são processos capitais do pensamento. E' o esquema dos processos de análise e de síntese em geral, por mais complexos que sejam. A ciência oscila constantemente da análise para a síntese, e vice-versa; e este corresponde esquematicamente ao movimento dos correlatos para a relação, e desta para os correlatos. A teoria d'Einstein não é mais do que uma forma elaboradíssima dêste esquema levado a uma complicação extraordinária de relações estabelecidas; é o que se exprime dizendo, como Langevin,

que as «leis da física não fazem senão coordenar as nossas sensações e que estas resultam todas de coincidências absolutas». Voltaremos a esta questão a propósito do positivismo e da ciência contemporâneas, num outro trabalho. Por agora este esquema basta-nos para estabelecer o contraste com a Metafísica.

Esta, como dissemos, atrai integralmente a relação dos seus correlatos, que elimina por completo. Reduz esta relação assim amputada a uma espécie de essência; e, — facto paradoxal, — introduz neste elemento arbitrário a intuição fundamental da existência, criando assim o *Ser*. Isto feito dá-lhe como atributos elementos absolutos da Liberdade, Unidade, Perfeito, etc., construídos tal como acima foi exposto. A isto junta ainda elementos emotivos transformados em Absolutos, tais como Beleza, Bondade, etc. diversamente combinados. O *Ser* ora aparece sob uma forma puramente intelectual, ora sob uma forma emocional, ora uma combinação das duas. Por uma abstracção suprema construída sobre todos estes *Seres* ergue-se então ao *Ser* puro e simples: — conceito absolutamente artificial e absolutamente vazio de conteúdo. Assim, enquanto a ciência se dirige dos correlatos para a relação, sem perder de vista os correlatos, e a eles voltar logo que é preciso, a Metafísica, eliminando os correlatos, dirige-se para o abstracto artificial, e não volta atrás; perde de vista os termos de relação, o complexo conexo, e concentra-se num formal artificial. Assim se dirige num determinado sentido, e finda no vácuo de uma série de Símbolos sem conteúdo lógico: deus, substância, noumêno, mundo verídico, real transcendente, etc.

Com estes elementos poder-se-ia dar em